

FORMAÇÃO DE UNIDADES TERMINOLÓGICAS SUBSTANTIVAS NA TERMINOLOGIA DA INDÚSTRIA MOVELEIRA ATRAVÉS DE DERIVAÇÃO SUFIXAL: OPERAÇÕES E PROCESSOS

Giselle Olivia Mantovani Dal CORNO (UCS)¹

RESUMO: Este trabalho resulta da observação da constituição e do comportamento de termos do âmbito da indústria moveleira em um *corpus* textual. Focaliza a formação sufixal de nomes cuja função é designar uma ação ou resultado dela, que, nessa terminologia, geralmente corresponde a uma operação ou a um processo de produção, ou a ambos. A interpretação dos termos em seu contexto de ocorrência permite também distinguir uma terceira possibilidade: a denominação do material ou produto empregado para realizar a operação ou processo. Propomos, além disso, um método simples de verificação do sentido acrescido pela sufixação no interior dessa terminologia.

ABSTRACT: This paper stems from the observation of how terms are formed and behave in a text-based *corpus* within the furniture industry área. The focus is suffixal formation of nouns whose function is to name an action or its result, which in this terminology is usually equivalent to an operation or production process, or both. The interpretation of terms in their context of occurrence allows also the identification of a third possibility, which is the naming of the material or product used to perform the operation or process. We also provide a simple method to verify the meaning added by the suffix in the terminology of furniture industry.

1. Introdução

Pesquisa recentemente realizada (DAL CORNO, 2006) revelou que, na terminologia da Indústria Moveleira, a formação de unidades terminológicas nominais através de derivação sufixal é abundante, apesar de o número de sufixos empregados ser bastante restrito. Na formação de substantivos, verifica-se a predominância de três grupos de sufixos: os que formam, segundo a gramática do português brasileiro, nomes de ação ou resultado de ação, os que formam nomes de agente ou instrumento de ação, e os que formam nomes que designam propriedades, estados e qualidades.

Neste trabalho, observaremos a formação de nomes pelo acréscimo de sufixos cuja função é formar substantivos que designam uma ação ou resultado dela, especialmente associados a bases verbais. Essa ação, na terminologia da Indústria Moveleira, geralmente corresponde a uma operação ou a um processo de produção. A observação do comportamento desses termos no *corpus* textual utilizado permite verificar que, em alguns casos, ocorre a designação da operação (ou processo), em outros, a designação do resultado de uma operação (ou processo) e, em outros ainda, ambos. Além disso, a interpretação do termo em seu contexto de ocorrência permite distinguir uma terceira possibilidade de significação: a denominação do material ou produto empregado para realizar a operação ou processo.

2. A Indústria Moveleira como um domínio de saberes correlatos

A busca geral por novos materiais e novos processos foi responsável pelo fato de que, na primeira metade do século XIX, se verificassem mudanças fundamentais na fabricação de móveis, só comparáveis em importância, segundo Lucie-Smith (1993), aos avanços tecnológicos posteriores à Segunda Guerra Mundial. A verdadeira revolução tecnológica, porém, só pode ser datada da metade do século XX. Conforme Lucie-Smith (1993, p. 10), as “técnicas de fabricação de móveis e mesmo os materiais considerados adequados para esse propósito mudaram mais drasticamente nos últimos sessenta anos que nos seis séculos antecedentes”. Com a explosão econômica decorrente do período pós-guerra, ocorrem mudanças rápidas em materiais e técnicas. Nesse período, inicia-se a produção de compensados de madeiras duras, confiáveis e de baixo custo, bem como evoluem as técnicas para obtenção de lâminas de madeira. Também se desenvolvem extraordinariamente as indústrias de plásticos e adesivos.

¹ Para contatos: Universidade de Caxias do Sul – Departamento de Letras
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 Bairro Petrópolis – 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
e-mail: gomdcorn@ucs.br

Observa-se, assim, que a evolução da Indústria Moveleira como um todo se verificou à medida que evoluíram também outras indústrias, bem como os equipamentos e as técnicas por elas empregadas, de modo a fornecer as matérias-primas essenciais para a fabricação de móveis, em consonância com as exigências do mercado. É por esse motivo que se diz que ela é responsável por uma segunda transformação industrial. Como tal, pode-se afirmar que a Indústria Moveleira é um setor da *produção industrial* responsável por *atividades* em que determinadas *matérias-primas* deverão sofrer determinados *processos*, realizados com o emprego de determinados *equipamentos*, a fim de se *transformarem* em bens ou *produtos*: os móveis.

É importante esclarecer que por *produção* entendemos, em consonância com Gryna (1974, p. 17.2) a “atividade de conduzir os processos, máquinas e ferramentas, e de realizar as operações mentais e manuais associadas para fazer produtos a partir de materiais e componentes básicos.”

Assim, domínios de atividades tecnológicas afetos a diferentes indústrias participam da configuração da Indústria Moveleira, entendida como um subsistema no interior de um amplo sistema industrial.

A estrutura cognitivo-funcional da Indústria Moveleira, que se caracteriza, portanto, como uma indústria de transformação, move-se ao longo de um eixo que inicia com a seleção da matéria-prima do substrato, de acordo com especificações dadas num projeto anteriormente elaborado com vistas à produção de determinado móvel, e que termina com as peças acabadas, prontas para a montagem do móvel, como representado pelo esquema da figura 1 a seguir.

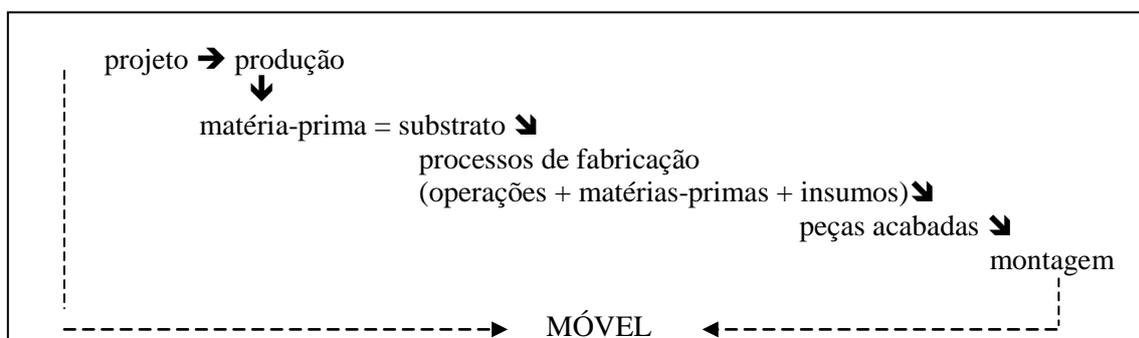


Figura 1. Representação esquemática do eixo cognitivo-funcional da TIMov

Se descartarmos a fase inicial de projeto e a fase final da montagem², teremos um modelo prototípico de fluxograma de produção em que determinada matéria-prima – o substrato inicial – vai sendo preparada para processos posteriores, através de operações específicas, até o acabamento final.

A escolha da matéria-prima do substrato determina grandemente que processos serão executados, bem como que outras matérias-primas e insumos serão agregados, sendo esses, por sua vez, também resultantes de processos anteriores ou submetidas a processos posteriores pelo emprego de determinadas máquinas e equipamentos e utilização de determinados insumos. O próprio substrato já é o resultado de algum processo anterior e, assim como cada matéria-prima ou insumo agregado no fluxograma de produção, remete aos domínios correlatos de atividades tecnológicas que se integram à da indústria moveleira, que delas depende para sua própria configuração.

O fluxograma de produção se configura, assim, como a representação de uma cadeia produtiva, que pode ser vista então como uma seqüência encadeada de processos, com algumas etapas obrigatórias e outras em que escolhas devem ser feitas. As etapas e sua seqüência podem variar dependendo do porte da empresa, seu nível de tecnologia, máquinas de que dispõe, entre outros fatores, mas sempre terão como ponto de partida a escolha do substrato inicial.

3. Um estudo descritivo da Terminologia da Indústria Moveleira

Os dados que serão apresentados neste trabalho originam-se de um estudo descritivo da Terminologia da Indústria Moveleira (doravante TIMov), realizado como tese de doutoramento (DAL CORNO, 2006), que procurou observar a constituição e o comportamento de suas unidades terminológicas num *corpus* de base

² Os processos de montagem não são necessariamente executados pela unidade industrial. Muitas vezes, essa etapa cabe à loja que comercializa o móvel, com o acréscimo de complementos e/ou acessórios (aramados, puxadores, etc.), geralmente fornecidos prontos por terceiros. Cabe também observar que, embora muitas vezes prevista já desde o projeto, a embalagem não será considerada aqui como parte do processo produtivo, uma vez que, mesmo sendo realizada na fábrica, não tem influência direta sobre o processo de produção.

textual em Português do Brasil. As razões para a escolha dessa área de conhecimento foram: a) a importância econômica e social dessa indústria no Brasil; b) o fato de ser uma terminologia vasta, difusa e ainda não-sistematizada; e c) a escassez de pesquisas e publicações científicas sobre terminologias técnicas.

O *corpus* analisado foi formado por textos de divulgação técnica e anúncios publicitários extraídos das edições de 2003 e 2004 do *ForMóBILE: Guia de Referência da Indústria Moveleira*, uma publicação da Alternativa Editorial, totalizando 54.000 palavras (6.176 *types*), das quais 332 unidades terminológicas representativas foram selecionadas para análise. A análise foi feita seguindo os princípios da Teoria Comunicativa da Terminologia, desenvolvida por Cabré e sua equipe do IulaTerm (1999, 2001, entre outros), que consideram o termo como uma unidade poliédrica, com uma face semântica, uma face pragmática e uma face formal.

Para dar conta da face formal da terminologia da Indústria Moveleira, seguimos inicialmente a sistematização proposta por Dubuc (1999) na descrição dos procedimentos mais usuais de formação de termos, pelo maior detalhamento apresentado pelo autor na descrição formal dos termos. Essa descrição foi complementada por subsídios trazidos por outros autores que se debruçaram sobre a descrição morfosintática tanto de palavras quanto de termos da língua portuguesa, como Alves (2002), Barbosa (1990), Basilio (1995), Bechara (1999), Faulstich (2002), Kehdi (1997), Lamberti (1999) e Moura Neves (2000). Reiteramos que, ao basear a análise da terminologia da Indústria Moveleira não só em obras sobre Terminologia, mas também em gramáticas e descrições lingüísticas diversas, buscamos corroborar a idéia corrente de que as terminologias pertencem ao sistema lingüístico das línguas naturais. Propomos, também, um método simples de verificação do sentido acrescido pela sufixação no interior dessa terminologia.

A análise dessas unidades contextualizadas permitiu investigar a constituição do domínio, a constituição formal das unidades que lhe são específicas, bem como a influência que exercem sobre essa linguagem de especialidade seus usuários e as situações comunicativas em que ocorre.

Para identificação da fonte dos exemplos, a edição do *ForMóBILE: Guia de Referência da Indústria Moveleira* de 2003 é codificada como **ForMob03** e a de 2004, como **ForMob04**.

As unidades terminológicas sob investigação serão apresentadas em *itálico* ao longo da análise, mas, nos exemplos dados, serão **negritadas**, para ênfase e facilidade na localização do leitor, embora nos seus contextos de ocorrência originais possa não haver qualquer marca de realce.

4. A formação de UTs nominais através da sufixação: operações e processos

Diz-se que há a formação direta de um termo quando uma nova entidade léxica é criada. Isso pode acontecer tanto na formação primária de termos (a nova denominação nasce juntamente com o novo conceito) quanto na formação secundária (um novo termo é criado para um conceito conhecido). Na formação direta, a nova unidade léxica pode ser criada de forma total ou construída pela utilização e modificação de elementos morfosintáticos disponíveis na língua. A estrutura resultante tende, assim, a seguir os padrões de formação lexical da própria língua a que a unidade terminológica pertence.

De acordo com sua estrutura formal (morfossintática), as unidades terminológicas (doravante UTs) podem ser monoléxicas, isto é, constituídas de uma única palavra ou lexema, ou poliléxicas, isto é, constituídas de duas ou mais palavras ou lexemas, correspondendo a estruturas sintáticas lexicalizadas. Na terminologia da indústria moveleira, tem-se *madeira* como exemplo de unidade terminológica monoléxica, ao lado de *madeira aglomerada* como exemplo de unidade terminológica poliléxica. Da mesma forma, *lâmina*, *tinta* e *papel* são exemplos de UTs monoléxicas, enquanto *lâmina faqueada*, *tinta vinílica* e *papel Kraft* são exemplos de UTs poliléxicas.

As UTs monoléxicas simples podem ser consideradas UTs não-construídas, assim como as UTs monoléxicas complexas e as UTs poliléxicas são consideradas UTs construídas. As unidades monoléxicas complexas são unidades terminológicas construídas porque encontramos em sua estrutura uma base léxica em combinação com outros elementos mórficos. Segundo essa combinação, as UTs monoléxicas complexas podem ser derivadas, compostas ou abreviadas.

Dentre as unidades monoléxicas complexas derivadas, focalizamos neste trabalho as UTs nominais formadas através de sufixação. Na TIMov, a formação de UTs nominais através de derivação sufixal é abundante, apesar de o número de sufixos empregados ser bastante restrito.

Na formação de substantivos, verifica-se a predominância de três grupos de sufixos: os que formam, segundo a gramática do português brasileiro, nomes de ação ou resultado de ação, os que formam nomes de agente ou instrumento de ação – que, como dissemos anteriormente, na TIMov corresponde a *operação* ou *processo* –, e os que formam nomes que designam propriedades, estados e qualidades.

Essa predominância justifica-se pela estrutura conceitual prototípica da TIMov, em que matérias-primas (por exemplo, uma *lâmina de madeira*), com determinadas propriedades (*flexibilidade, umidade*), sofrem determinadas ações (*tingimento, colagem*) desempenhadas por determinados agentes (*tingidor, coladeira*).

Predominam na TIMov os sufixos cuja função é formar substantivos que designam uma ação ou resultado dela, especialmente associados a bases verbais. Essa ação, geralmente, na TIMov será uma operação ou um processo de produção.

Na verdade, a observação do comportamento das UTs no *corpus* textual permite verificar que, em alguns casos, ocorre a designação da operação (ou processo), em outros, a designação do resultado de uma operação (ou processo) e, em outros ainda, ambos. Os sufixos mais produtivos na formação desses nomes são **-agem, -ção e -mento**.³

Nunca é demais enfatizar que, sem a observação dos contextos de ocorrência e a interpretação da UT no ambiente textual, seria praticamente impossível distinguir essas diferentes possibilidades de significação. Já que não existe uma metodologia única para realizar a análise que permitiria a distinção dos diferentes sentidos, e nem é o foco central deste trabalho comparar diferentes metodologias, propomos uma forma bastante simples de verificação do sentido trazido às UTs derivadas sufixalmente, como explanado a seguir.

Para verificar o sentido expresso, pode-se aplicar um teste simples, que consiste na leitura da porção textual em que se encontra a UT com o acréscimo do sintagma “operação de” ou “processo de” ao contexto, se já não estiver presente. Se houver a manutenção desse sentido, pode-se dizer que se trata realmente da designação de uma operação ou processo.

Vejam os seguintes exemplos (1), em que o próprio contexto inclui o sintagma “processo de”, ao se falar em *secagem*:

- (1) Após passar por um segundo cilindro aquecido, o processo de **secagem** do adesivo é completado, estando o painel pronto para **acabamento e empilhamento**. (ForMob03, p. 5)

Fazendo-se o teste, pode-se acrescentar o sintagma “(o) processo de” diante de *acabamento e empilhamento*, resultando em “estando o painel pronto para [o processo de] acabamento e [o processo de] empilhamento”, com a manutenção do sentido coerente. Assim, embora não explícito, pode-se considerar também nesses outros dois casos o sentido de “operação” ou “processo”.

O trecho a seguir (2) também ilustra o emprego de substantivo derivado sufixalmente designando operação ou processo.

- (2) Após o lixamento correto da madeira, caso haja necessidade, deve ser feito o emassamento para corrigir defeitos. (ForMob03, p. 50)

Em ambos os derivados, *lixamento* e *emassamento*, o teste com o acréscimo de [processo de] resulta num enunciado coerente, comprovando que esse é o sentido mais evidente.

Já o mesmo não se verifica nos exemplos (3) e (4) abaixo:

- (3) Acabamentos envelhecidos

Popular no mercado norte-americano e europeu, o acabamento “americano”, ou “envelhecido”, foi desenvolvido como estratégia para o setor moveleiro expandir negócios para o exterior. (ForMob03, p. 56)

- (4) Painéis que já contam com revestimentos dispensam o uso de máquinas de tingimento na fábrica, reduzindo gastos com energia, treinamento e matéria-prima. (ForMob04, p. 77)

Em (3), o teste com o acréscimo de [processo de] revela-se falho, pois é mais coerente pensar no *acabamento* como o resultado do processo – a aparência, o aspecto – como algo “envelhecido” que pensar em um “processo envelhecido” em si. O mesmo se verifica em (4), em que os painéis já sofreram a ação de ser revestidos e, portanto, o *revestimento* é o resultado dessa ação. Embora não ocorra em 100% dos casos,

³ Para os propósitos deste trabalho, não julgamos necessário distinguir, nos sufixos, o radical e a vogal temática, como, por exemplo, em **-çã** [radical] + **o** [vogal temática] = **-ção**. Essa postura é adotada por alguns gramáticos, como Macambira (1982, 1992).

pode-se observar uma tendência à presença de artigo antecedendo o substantivo que designa o resultado da operação ou processo, bem como sua ausência quando a designação é feita à operação ou processo em si.

Exemplos de UTs derivadas pelo acréscimo dos sufixos desse grupo e a análise de seu comportamento no *corpus* seguem a seguir.⁴

4.1. UTs formadas pelo acréscimo do sufixo **-agem**

O sufixo **-agem** forma predominantemente substantivos que designam operação ou processo: *ancoragem, armazenagem, desmontagem, dobragem, engomagem, estocagem, fresagem, moldagem, montagem, pós-formagem, prensagem, raspagem, selagem, termo-formagem, usinagem*.

A análise dos contextos permite afirmar que *colagem* e *secagem* podem tanto significar a operação/processo quanto seu resultado. Já havíamos verificado no exemplo (1) a idéia de processo expressa pela UT *secagem*. No exemplo (5) abaixo, porém, temos tanto a idéia de *secagem* como um processo quanto o resultado desse processo.

- (5) A secagem ocorre pela evaporação dos solventes e pela reação química entre o componente “A” e o componente “B”. (ForMob03, p. 47)

No exemplo (6), a primeira ocorrência de *colagem* remete mais à idéia do resultado (poder-se-ia fazer uma leitura como “baixa qualidade do resultado da colagem”), enquanto a segunda parece indicar mais a idéia do processo (fazendo-se a leitura “submetida ao processo de colagem”).

- (6) A adesividade será falha em função do não preenchimento da rugosidade que existe nas superfícies que serão coladas. Neste caso, normalmente obtemos uma baixa qualidade da colagem. A escolha de um adesivo correto irá depender do conhecimento do tipo de madeira que deverá ser submetida à colagem. (ForMob03, p. 61)

A UT *embalagem*, bastante freqüente no *corpus*, revela ainda uma outra possibilidade de sentido trazido pelo acréscimo do sufixo **-agem**: o de material, dispositivo ou produto utilizado para realizar a operação ou executar o processo, como mostra o exemplo (7), diferindo do exemplo (8), que mantém a idéia de operação ou processo.

- (7) Outra opção é uma embalagem de plástico termoencolhível, onde molduras de poliuretano são aplicadas a toda a borda da peça de vidro, que recebe um plástico que se molda a ela. Com essa embalagem, o cliente pode conferir a integridade do material, sem a necessidade de removê-la. (ForMob03, p. 57)

- (8) Cuidado na embalagem.

Esses exemplos indicam que, na TIMov, uma mesma forma lingüística pode ser uma UT usada para denominar conceitos diferentes, por mais sutis que sejam as diferenças entre eles, como já verificamos em *colagem, embalagem* e *secagem* e teremos a oportunidade de verificar em ainda outras formações por derivação sufixal. Temos, então, além da derivação sufixal, que é um procedimento direto de formação de termos, também uma extensão do significado da UT pelo deslocamento de uma relação lógica, que constituiria um procedimento informal de formação de termos.

4.2. UTs formadas pelo acréscimo do sufixo **-ção**

O sufixo **-ção** também desempenha a função de formar UTs nominais, associando-se a bases verbais, que tanto podem indicar uma operação ou processo quanto seu resultado e, em alguns casos, semelhantemente ao observado com o sufixo **-agem**, o material, dispositivo ou produto para realizar a operação ou executar o processo.

⁴ Obs.: algumas UTs apresentadas como exemplo de sufixação são também, simultaneamente, derivadas por prefixação. Apesar disso, estão aqui incluídas, pois a noção de “processo”, “operação”, “resultado de processo/operação” continua sendo expressa pelo acréscimo do sufixo.

São exemplos de UTs localizadas na TIMov que podem indicar operação/processo ou seu resultado: *afiação, calafetação, coloração, degradação, delaminação, diluição, fixação, impermeabilização, polimerização, reticulação, solidificação, vulcanização*.

(10) Para trabalhar de forma eficiente com o OSB, é preciso seguir algumas orientações básicas, desde o corte, passando pela fixação até o acabamento. (ForMob03, p. 21).

(11) Dê preferência a cavilhas estriadas para uma boa fixação da cola. (ForMob03, p. 21).

No exemplo (10), pode-se fazer o teste de leitura, acrescentando-se “processo de” com resultado coerente: “passando pelo processo de fixação até o acabamento”. Em (11), o que está sendo enfatizado é o resultado do processo, que precisa ter boa qualidade, como indica o adjetivo “boa”, que acompanha a UT *fixação*.

A indicação de operação/processo ou seu resultado também se verifica nos exemplos (12) a (16) a seguir. Em (12) e (13), o tema é a “operação de afiação”, o que é enfatizado pela presença dos verbos “executar” e “realizar”; já em (14) o foco pode estar tanto da operação quanto no resultado da operação, que é caracterizado como algo que apresenta “deficiência”, isto é, que pode tanto ter sido realizada deficientemente como ter resultado em algo deficiente.

(12) Afiação mal executada ou não executada (ForMob03, p. 30)

(13) Verificar a configuração dos dentes e realizar uma nova afiação. (ForMob03, p. 30)

(14) Dentes não equilibrados ou deficiência na afiação (ForMob03, p. 30)

Em (15), podemos também identificar a dupla idéia de operação e resultado, pois a “aplicação da laca”, que já é em si uma operação, tem um objetivo que é ao mesmo tempo promover a operação de dar cor e resultar na coloração. Em (16), a presença do verbo “gerar” remete mais à idéia de resultado do processo.

(15) Assim, a aplicação da laca visa somente a coloração do material confeccionado. (ForMob03, p. 47)

(16) Corpo da serra com temperaturas elevadas, gerando coloração azul na superfície (ForMob04, p. 74)

Indicam predominantemente, no *corpus* pesquisado, operação ou processo: *alimentação, curtição, furação, gravação, retificação, sanforização*, como mostram os exemplos abaixo. Em (17), a causa apontada para um defeito na colagem é a baixa velocidade utilizada na “operação de alimentação”. Em (18), o texto dá orientações sobre o que deve ser feito durante a “operação de furação”.

(17) A velocidade de alimentação está muito baixa. (ForMob03, p. 4)

(18) Durante a furação, reduza o calor ao mínimo para obter um artigo perfeito e livre de tensões. (ForMob03, p. 75)

Predominantemente indicam o resultado da operação ou processo as seguintes UTs: *angulação, infiltração, ondulação, perfuração, saturação, vedação*. Os exemplos (19), (20) e (21) abaixo servem para ilustrar.

(19) Deve-se usar serras com lâminas rebaixadas ou com leve angulação para evitar o acúmulo de serragem. (ForMob03, p. 74)

(20) Também poderá ser provocada a infiltração de cola, processo conhecido como “poro branco” (quando a cola não é bem espalhada e transpassa a lâmina). (ForMob03, p. 13)

- (21) Defeitos permitidos na superfície: depressão pequena, faixa estreita de cavaco, porosidade leve, trinca pequena, mancha de cola pequena, buraco pequeno, ondulação leve e canto quebrado. (ForMob03, p. 34)

As UTs *laminação* e *pigmentação*, embora também possam trazer a idéia de processo e/ou seu resultado, apresentam-se no *corpus* selecionado ainda com o sentido de material ou produto utilizado para executar o processo ou obtido através do processo, como se pode verificar nos textos a seguir.

- (22) Dentre as resinas plásticas, o PVC destaca-se pela facilidade de uso, tanto nos processos da indústria da transformação, laminação, extrusão e injeção, como nos de aplicação (colagem, moldagem, solda eletrônica, costura, etc). (ForMob04, p. 63).

- (23) Os adesivos vinílicos podem ser usados em colagens não estruturais de substratos como madeira, incluindo: painéis, laminação (laminados plásticos e laminados de madeira), colagem de espiga e cavilha, etc. (ForMob04, p. 64).

- (24) Utilizar pigmentação na massa preferencialmente na cor do produto final, para melhor avaliação visual da distribuição na superfície. (ForMob04, p. 94)

Observa-se que, enquanto em (22) está explícita a idéia de *laminação* como um processo, em (23) *laminação* é usado como um termo superordenado para dois tipos de produtos obtidos pelo processo de laminação. Em (24), fica também patente a idéia de *pigmentação* como um produto, já que o texto fala que deve ser utilizado (e não se pode utilizar um resultado de processo) e na cor que deve ter (e um processo não tem cor). Temos aqui também, além da derivação sufixal, a extensão do significado da UT pelo deslocamento da relação lógica, como já exemplificado com algumas UTs formadas em **-agem**.

4.3. UTs formadas pelo acréscimo do sufixo **-mento**:

Unindo-se a bases verbais, o sufixo **-mento** é provavelmente o mais produtivo na formação de substantivos na TIMov. Um grande número desses substantivos origina-se de verbos derivados parassinteticamente, uma evidência da abundância de processos própria da indústria moveleira como atividade produtiva.

A observação do comportamento das UTs derivadas pelo acréscimo do sufixo **-mento** no *corpus* revela que, na maioria dos casos, o termo derivado designa ação ou processo, mas, assim como já verificado nas UTs derivadas pelo acréscimo dos sufixos **-agem**, e **-ção**, a mesma UT formada com o sufixo **-mento** pode muitas vezes designar também o resultado da ação ou do processo, como se depreende dos textos em que se encontram.

Os exemplos (1), (2), (3) e (4) já apresentaram algumas possibilidades de emprego de UTs derivadas em **-mento**: *acabamento, emassamento, empilhamento, lixamento, revestimento, tingimento*.

Outros exemplos de UTs assim derivadas localizadas no *corpus* de estudo incluem: *alastramento, alojamento, alongamento, amarelamento, amarelecimento, amarrotamento, aproveitamento, aquecimento, armazenamento, arrancamento, balanceamento, carretilhamento, cozimento, desbotamento, desfibramento, deslocamento, empenamento, encabeçamento, encanoamento, encolhimento, endurecimento, enrolamento, entrelaçamento, envelhecimento, envernizamento, esbranquiçamento, escorrimto, esquadrejamento, fosqueamento, fresamento, inchamento, isolamento, jateamento, laminamento, laqueamento, lascamento, molhamento, nivelamento, polimento, recozimento, reenvernizamento, reflorestamento, rejuntamento, resfriamento, ressecamento, tratamento*.

Além dos dois sentidos principais expressos, UTs *acabamento* e *revestimento* comportam-se de ainda outra forma, semelhantemente ao verificado em *embalagem, laminação* e *pigmentação*: em certos contextos, significam o material, dispositivo ou produto utilizado para realizar a ação ou executar o processo. Vejamos, para ilustrar, o comportamento dessas UTs nos textos que seguem.

- (25) Para um correto acabamento, aplique, primeiro, uma camada de selador. (ForMob03, p. 12).

(26) Acabamento fosco UV para laser, garante ótima estabilidade em linha de produção e possui aspecto sedoso. (ForMob04, p. 53)

(27) Compatibilidade com diversos acabamentos, como laca e tingidores, além de revestimentos como lâminas de madeira. (ForMob03, p. 27)

Pode-se aplicar o teste de leitura para perceber que em (25) é enfatizado um “correto processo de acabamento”, enquanto em (26) o tópico é o resultado desse processo, ou seja, a aparência fosca. Já em (27) o sintagma de exemplificação “como laca e tingidores”, que são dois materiais utilizados no processo de acabamento, pela apresentação desses dois casos individuais de que fazem parte, comprova que *acabamento* é também um termo superordenado para designar esse tipo de material.

Pelo mesmo raciocínio, observa-se em (28) que *revestimento* é um termo superordenado para designar os materiais com que se faz o processo de revestimento. É também interessante observar que, em ambos os casos, as UTs estão sendo usadas na forma plural, o que reforça a idéia de uma categoria com diversos membros, mais comum em substantivos concretos – que designam os materiais em si – que em abstratos – os processos e resultados deles.

(28) Encontrado em três tipos de espessuras (...), o MDF pode receber revestimentos como finish foil (FF), laminado de baixa e laminado de alta pressão, além de lâmina de madeira. (ForMob03, p. 26)

À semelhança de alguns derivados em **-agem** (*embalagem*) e **-ção** (*pigmentação, laminação*), UTs nominais formadas por derivação sufixal em **-mento** (*acabamento, revestimento*), por um processo de transmissão de significado pelo deslocamento de uma relação lógica, podem recobrir diferentes conceitos, metonimicamente designando uma ação ou processo, o resultado dessa ação ou processo, bem como o material, produto ou dispositivo usado para realizar essa ação ou processo.

5. Considerações finais

Como se pôde depreender da observação e análise dos termos identificados no *corpus*, a derivação sufixal, no caso de nomes que designam ação ou o resultado dela (segundo a descrições das gramáticas da língua portuguesa, vertente brasileira), é feita principalmente por três sufixos: **-agem**, **-ção** e **-mento**. Pelo acréscimo desses sufixos formam-se, na TIMov, UTs que designam operações ou processos ou o resultado deles. Adicionalmente, esse processo de sufixação resulta em nomes de materiais ou produtos empregados para realizar a operação ou o processo. São casos em que o sufixo, que tradicionalmente opera na formação direta de termos, contribui com suas possibilidades de sentido também para a formação indireta de unidades terminológicas.

Em síntese, essas são algumas das principais marcas da TIMov, que permitem descrevê-la como uma terminologia técnica que é muito rica, não só pela amplitude de sua estrutura cognitivo-funcional, como também pela sua dinamicidade, que precisa acompanhar as constantes mudanças ditadas pela evolução tecnológica e por sua aplicação social. Daí a importância de seu estudo e sistematização.

6. Referências bibliográficas

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CABRE, M. Teresa. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: IULA, UPF: 1999.

_____. Sumario de principios que configuran la nueva propuesta teórica. In: CABRÉ, M. Teresa; FELIU, Judit (ed.). *La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de información formal y semántica*. Barcelona: IULA, UPF: 2001.

_____ ; DOMÈNECH, Meritxell; MOREL, Jordi.; RODRÍGUEZ, Carlos. Las características del conocimiento especializado y la relación con el conocimiento general. In: *La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de información formal y semántica*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, 2001.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 8. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. *Terminologia da Indústria Moveleira: um estudo descritivo*. 2006.

DUBUC, Robert. *Manual de terminología*. 3. ed. Corrigida e atualizada. Tradução de Ileana Cabrera. [Santiago]: Ril Editores, 1999. Tradução a partir da edição de 1992 de *Manuel pratique de terminologie*.

FORMOBILE: Guia de referência da indústria moveleira. Curitiba: Alternativa, 2003.

_____ Curitiba: Alternativa, 2004.

GRYNA, Frank M. Production. Cap. 17. xx In: JURAN, J. M. (editor in chief); GRYNA, Frank M. (associate editor). *Juran's Quality Control handbook*. 4. ed. New York: McGraw-Hill, 1988.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

KRIEGER, Maria da Graça. A face lingüística da Terminologia. In: KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker (org.). *Temas de terminologia*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS; São Paulo: Humanitas/USP, 2001. p. 22-33

LUCIE-SMITH, Edward. *Furniture: a concise history*. Updated edition. London: Thames and Hudson, 1993.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 9. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo lingüístico*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1982.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: IEUFC, 1986.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *Gramática de usos do português*. São Paulo, UNESP, 2000.